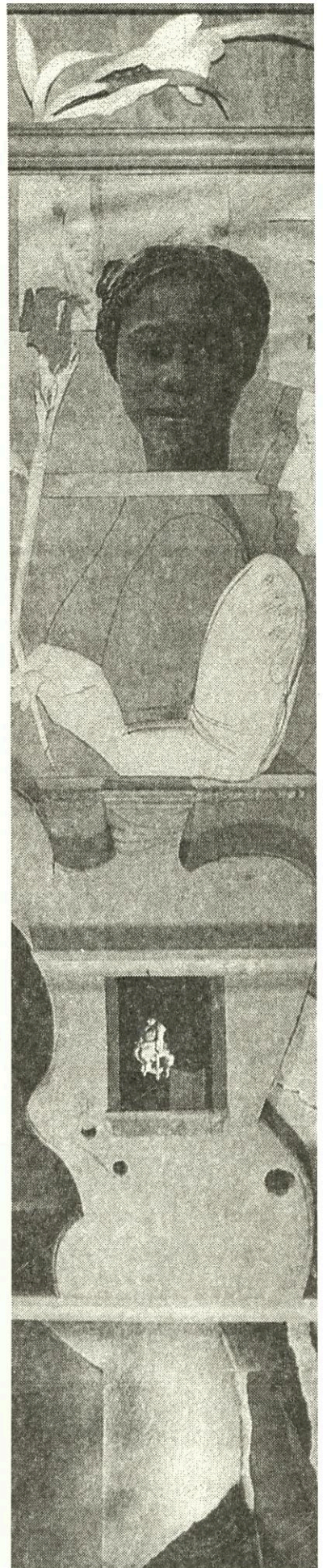


PARTE 2
DOSSIÊ LITERATURAS
AFRICANAS DE
LÍNGUA PORTUGUESA



CONSTRUÇÃO E REENCONTRO – O ENSINO E A PESQUISA DAS LITERATURAS AFRICANAS NOS CURSOS DE LETRAS

*Carmem Lúcia Tindó Ribeiro Secco**

RESUMO

A trajetória das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa: da época das utopias revolucionárias à crise atual dos paradigmas socialistas. O desencanto contemporâneo e as contradições do tempo presente. O ensino e a pesquisa das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa nas universidades brasileiras: análise das dificuldades e dos problemas pedagógicos. Caminhos ainda possíveis para realizar o trabalho com as Literaturas Africanas. A importância da leitura profunda da escritura literária, onde se encontram, submersos, os fragmentos significativos da História e os sonhos esquecidos no inconsciente coletivo, elementos indispensáveis à resistência cultural e política.

*Reencontrar-se nos campos de trabalho
na socialização
na entreaajuda gloriosa nos campos
nas construções (...)
na coletivização das catástrofes e alegrias
na congregação dos braços para o trabalho
reencontrar-se nas tradições
e nos caminhos feiticeiros
(Neto, 1973, p. 143)*

Embora consciente do desencanto atual que domina os últimos anos do século XX, começo meu texto com palavras de Agostinho Neto. Palavras afinadas com o *ethos* revolucionário sustentador da ideologia libertária que animou as lutas pela independência angolana em 1975. Palavras cheias da utopia socialista, cujos ecos, nessa época (1978-1985), encontraram alguma ressonância no meio intelectual brasileiro, principalmente entre a esquerda que reivindicava o direito ao

* Universidade Federal do Rio de Janeiro.

voto livre, à “abertura política” no país.

Recordo esses versos, porque reavivam na memória esse período em que as Literaturas Africanas tiveram uma relativa repercussão no Brasil, com poemas de Agostinho Neto, José Craveirinha, Senghor e Césaire, entre outros, sendo divulgados em suplementos literários e revistas que discutiam a importância da negritude e alertavam os negros para o racismo presente também na sociedade brasileira, embora muitos não tivessem consciência das discriminações sofridas, devido às influências da teoria da democracia racial de Gilberto Freyre, cujo pensamento se difundiu largamente em nossa cultura.

Foi nesses anos que professores pioneiros, como Maria Aparecida Santilli, Jorge Fernandes da Silveira, Vilma Arêas, Benjamin Abdala Jr. e, um pouco mais tarde, a Prof^a. Laura Padilha, trouxeram para seus cursos de Letras na Universidade textos de escritores da África de língua portuguesa. Também os nomes das Professoras Maria Helena Silveira e Dirce Côrtes Riedel não podem ser esquecidos, pois foram as primeiras autoras de livros didáticos que, no Brasil, incluíram textos africanos para serem interpretados por alunos dos antigos cursos ginásial e secundário.

O fim da ditadura militar possibilitou o retorno de idéias libertárias, antes coibidas pela forte censura. Nesse clima de esperança democrática, houve um interesse pelos discursos questionadores do autoritarismo e as editoras publicaram uma série de livros que faziam o “desabafo do sofrido”, relatavam as memórias guerrilheiras. Fidel, Guevara, Agostinho Neto, Amílcar Cabral, Samora Machel tornaram-se heróis desses tempos de utopia socialista. A Editora Ática, nessa época, editou uma série de títulos de autores africanos e estudos sobre a África, como o de Fernando Mourão, outro pioneiro dos estudos africanos no Brasil. Infelizmente, esse período foi passageiro; durou só até 1989, data em que a nossa esquerda sofreu a grande decepção das urnas: seu candidato foi derrotado por Fernando Collor, marco do ingresso do país na política neoliberal, reafirmada, atualmente, por seu sucessor. Hoje, a Coleção tão importante dos Autores Africanos se encontra interrompida e um dos principais problemas dos estudos dessa área no Brasil continua a ser a escassez e a precariedade de bibliografia específica.

Além dessa carência de material, outros entraves persistem: faltam histórias literárias consistentes, estudos sistematizados sobre mitos, religiões e história dos países africanos de língua portuguesa, enciclopédias sobre a cultura dessas nações, mapas atualizados, inexistindo também uma divulgação eficaz pela imprensa do que acontece no cotidiano de Angola, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe; nas Universidades, permanece a ausência dos programas curriculares que oficializem as Literaturas Africanas de língua vernácula como matéria obrigatória nos cursos de Letras, os quais, incoerentemente, mesmo sem oferecerem essa disciplina, continuam a fornecer aos professores licenciados um registro com habilitação para o ensino dessas literaturas.

Outro aspecto fundamental em relação a essa disciplina é o seu fortalecimento

na Graduação, pois, só assim, haverá um crescimento dos cursos de Pós-graduação nessa área. Para tal, como lucidamente observou a Profa. Tânia Macedo, da UNESP, no I Seminário de Literaturas Africanas da UFRJ, realizado em novembro de 1994, é necessária a criação de grupos de trabalho entre os profissionais da área, com fins de estruturar os programas mínimos dos cursos. A referida Professora apontou também para a descaracterização sofrida pela nova disciplina que, até hoje, não tem uma nomenclatura definida, ora designada como “literaturas africanas lusófonas”, ora como “literaturas africanas de expressão portuguesa” e, o que é pior, estudada, em algumas Universidades, como mero apêndice da Literatura Portuguesa, procedimento esse revelador de uma política colonialista ainda existente em relação ao ensino dessas literaturas.

Interessante lembrar, aqui, a atitude pioneira, em fins de 90, do Departamento de Letras Vernáculas da UFRJ, em particular dos Professores Jorge Fernandes da Silveira, Maria Theresa Abelha Alves e Valdete Pinheiro Santos, solicitando a implantação autônoma do Setor de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Esse ato, desvinculando o ensino dessas literaturas do Setor de Literatura Portuguesa, representou um avanço no sentido da descolonização dos currículos de Letras em nível de Graduação no país. Mas, apesar de aprovada a criação do Setor, a burocracia administrativa fez com que se passassem quase cinco anos para que o concurso público se realizasse e um professor da área tomasse posse, implantando efetivamente a disciplina. Esta existe oficialmente, na UFRJ, desde março de 1994, porém funciona com um único docente, que espera ainda o decreto presidencial de proibição de contratação de professores públicos expirar para poder abrir concurso para novos docentes. O Curso de Africanas foi regulamentado na Graduação da Faculdade de Letras da UFRJ, mas, só, quando entrar em vigor o novo currículo, deixará de ser matéria optativa. Por enquanto, ainda há muito preconceito, discriminação e desconfiança por parte de alguns professores, porém, em compensação, por outro lado, há o interesse crescente dos alunos e da comunidade, cuja receptividade aos cursos, tanto os regulares, como os de extensão, tem sido expressiva.

É no arco tenso dessas contradições que se situa, hoje, o ensino das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa em nosso país. Entre o desprezo e a sedução, entre a falta de incentivos e o prazer de desvendar territórios literários desconhecidos, os quais abrem possibilidades para diálogos múltiplos com outras literaturas: a brasileira, a portuguesa, a hispano-americana, as demais literaturas africanas de língua francesa e inglesa.

No I Seminário das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa da UFRJ, no final de 94, o Prof. Benjamin Abdala Jr. e a Prof^ª. Rita Chaves, ambos da USP, alertaram para a tendência comparatista que hoje se afirma no campo das pesquisas literárias. O CNPq e a CAPES incentivam, atualmente, os projetos integrados, orientados segundo perspectivas interdisciplinares e intertextuais. A USP já realiza estudos comparados das Literaturas Brasileira, Portuguesa e Africanas com profissionais de

História, Teoria Literária, Sociologia. A PUC Minas começa seus cursos de Pós-graduação integrando também as literaturas de língua vernácula. Na UFRJ, onde ainda estou sozinha, vejo que a única opção possível para abrir cursos na Pós é elaborar um projeto de curso baseado nessa direção intercultural. Por enquanto, não temos uma linha de Literaturas Africanas na Pós-graduação da UFRJ, pois a disciplina só foi implantada na Graduação; trabalhamos com “poesia, mar, mito e memória” em nosso projeto de pesquisa, mas estamos filiados a uma linha que já existia na Pós da UFRJ: “Poesia do Século XX”.

Dentro desses novos caminhos, é necessário, entretanto, não esquecer uma lição africana: a de não desvincular a emoção e a paixão do trabalho feito no dia-a-dia. Esse ensinamento tem norteado toda a minha prática pedagógica, desde os tempos em que ensinei no Primeiro e no Segundo Graus do Colégio Pedro II. Os frutos desse exercício se fazem notar pelo interesse discente pela análise textual. Graças a essa cumplicidade amorosa com os textos, as Literaturas Africanas na UFRJ, mesmo como disciplina optativa, têm conquistado um público razoável e têm gerado nos alunos o desejo de fazerem parte da pesquisa por mim realizada. Já são quatro os bolsistas de Iniciação Científica e, no momento, estamos, eu e esses alunos, concluindo um **Guia Bibliográfico das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa em Bibliotecas do Rio de Janeiro**. Paralelamente, estamos também organizando antologias poéticas sobre o tema do mar que faz parte da pesquisa, intitulada: “Mar, mito e memória na poesia africana do século XX”. Com essas antologias que circularão sem fins lucrativos, esperamos atenuar os problemas de escassez dos livros dos autores africanos.

Outra prova da eficácia do prazer nas relações de trabalho foi o apoio que o Setor de Literaturas Africanas da UFRJ recebeu dos alunos, no primeiro ano de sua implantação, ao montar o I Seminário das Literaturas Africanas, pois, sem o auxílio discente, o evento, que não contou com o financiamento dos órgãos de fomento, não teria se realizado com o sucesso obtido.

Mas, embora seja adepta das paixões e do prazer nas relações interpessoais e tenha saudade dos tempos rebeldes das utopias libertárias, sei que um professor de literatura não pode perder a lucidez e se distanciar da dimensão histórica presente. Por tal razão, considero necessário entender que, hoje, a economia e a política internacionais não se armam mais segundo polaridades binárias. Se as Literaturas Africanas tiveram projeção no contexto histórico engendrado pelo jogo dicotômico entre capitalismo/socialismo, USA/União Soviética, nos dias atuais, sofrem o impacto de polaridades múltiplas, transnacionais. Como alerta Hobsbawm em seu livro **A era dos extremos** (Hobsbawm, 1995), a queda do Muro de Berlim resultou no desmoronamento das rígidas fronteiras ideológicas, o que levou o mundo contemporâneo à instabilidade e à crise. Portanto, não há mais lugar para estudos maniqueístas como os que explicavam a história e as literaturas africanas apenas pela perspectiva dualista de colonizados e colonizadores sempre em oposição. Hoje, o desenraizamento

cultural e a “desterritorialização” (Guattari, 1986) assinalam os constantes deslizamentos de sentido entre os blocos econômicos dominantes e os periféricos. Com o colapso das utopias nacionalistas e com a mundialização da política financeira, o conceito de “desterritorialização” torna-se transnacional. O descentramento dos conceitos de nação e de progresso pervertem a concepção monolítica de identidade, hoje só compreendida em relação dialética com o conceito de diversidade. Edward Said (1995), analisando os efeitos da exacerbação imperialista em nossos dias, chama atenção para o processo intenso de mesclagem cultural que, em escala global, diluiu as identidades. O raciocínio dicotomizador que estigmatizou “culturas superiores” e “raças inferiores” esgotou-se. O nacionalismo heróico e as utopias libertárias do pós-Guerra se encontram extenuados, excluídos da nova ordem econômica mundial, da qual estão proscritos os continentes periféricos, principalmente a África e a América Latina, que, não acompanhando as transformações do mercado multinacional, serão rapidamente vítimas de uma pauperização cada vez maior.

É com essa consciência que o Professor das Literaturas Africanas deve se posicionar, hoje, observando que o quadro de discriminações e anulação da alteridade e das diferenças em relação à África se mostra, atualmente, ainda mais cruel, pois elimina as polaridades estruturadoras dos paradigmas ideológicos que nortearam as décadas de 50, 60 e 70 de nosso século. O capitalismo neoliberal, assentado na prática do livre mercado, acentua a riqueza de poucos e acentua a miséria de muitos. A África e a América se encontram entre essa maioria despossuída. A “desterritorialização” que sofrem hoje é múltipla, à mercê de fatores internos e externos, regida, em grande parte, pelo interesse dos blocos econômicos dominantes na conjuntura mundial.

Diante desse quadro político tão drástico, restam, no entanto, aos professores de Literaturas Africanas os “caminhos feiticeiros” da linguagem, o trabalho com uma das poucas utopias ainda possíveis: a da escritura literária, já que esta aponta para camadas culturais submersas, recônditas, nas quais se encontram os fragmentos perdidos da História e o tecido invisível dos sonhos, território esse, que se coloca como lugar de reencontro e construção, pois é onde se encontram esgarçadas as matrizes da tradição oral africana, que, segundo o escritor moçambicano Mia Couto, se apresentam como um tecido por

onde nos vamos refazendo e vamos molhando de esperança o rosto da chuva, água abençoada. (...) território, onde todo homem é igual, assim: fingindo que está, sonhando que vai, inventando que volta. (Couto, 1994, p. 7)

E, para encerrar, cito de novo Mia Couto que aposta no onírico e no existencial como formas possíveis de resistência sócio-cultural: “Onde restou o homem, sobreviveu semente, sonho a engravidar o tempo”. (Couto, 1994, p. 7)

¹ Termo usado por Guattari, Félix. *Cartografias do desejo*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

RÉSUMÉ

La trajectoire des Littératures Africaines de Langue Portugaise: de l'époque des utopies révolutionnaires à la crise actuel des paradigmes socialistes. Le désenchantement contemporain et les contradictions du temps présent. L'enseignement et la recherche des Littératures Africaines de Langue Portugaise dans les universités brésiliennes: analyse des difficultés et des problèmes pédagogiques. Chemins encore possibles pour réaliser le travail avec des Littératures Africaines. L'importance de la lecture profonde de l'écriture littéraire, où se rencontrent, submergés, les fragments significatifs de la Histoire et les rêves oubliés dans l'inconscient collectif, éléments indispensables à la résistance culturel et politique.

Referências bibliográficas

01. COUTO, Mia. *Estórias abensonhadas*. Lisboa: Caminho, 1994.
02. GUATTARI, Félix. *Cartografias do desejo*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.
03. HOBBSAWM, Eric. *A era dos extremos; o breve século XX, 1914-1991*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
04. NETO, Agostinho A. *A voz igual; sagrada esperança*. Luanda: UEA, 1973.
05. SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.